

Pomerisch Ärbschaft: O Processo de Musealização da Cultura Pomerana Em Vila Pavão-ES

Pomerisch Ärbschaft: The Process of Musealization of Pomeranian Culture in Vila Pavão - ES

Pomerisch Ärbschaft: El Proceso de Musealización de la Cultura Pomerana en Vila Pavão-Es



Vítor Ramlow de Souza

Universidade Federal de Viçosa, Rio de Janeiro, Brasil.

vitor.souza@ufv.br



Sandro Martins de Almeida Santos

Universidade Federal de Roraima (INAN/UFRR), Boa Vista, Roraima, Brasil.

sandro.santos@ufrr.br

Resumo: O presente artigo apresenta os principais resultados de uma pesquisa etnográfica sobre os debates políticos e intelectuais que concorreram para a criação do Museu Pomerano Franz Ramlow, em Vila Pavão-ES, assim como entender os motivos que levaram à sua rápida decadência e abandono. Instalado em 2005 como um “símbolo cultural”, foi fechado para visitação em 2015 e entrou em ruínas no ano de 2023. A pesquisa dividiu-se entre: I) levantamento bibliográfico; II) pesquisa de campo; e por fim III) análise dos dados e exercícios de escrita. Os resultados foram um reflexo do cenário museológico nacional. Autoridades e população da cidade, certificam em discurso a importância dos patrimônios culturais, mas na prática não se sustentam. Na ausência de mobilização social, as políticas de patrimônio ficam dependentes do voluntarismo e personalismo de

atores políticos específicos.

Palavras-chave: Pomeranos. Migração. Patrimônio cultural. Museu. Espírito Santo.

Abstract: The following article presents the main results of an ethnographic research on the political and intellectual debates that contributed to the creation of the Franz Ramlow Pomeranian Museum, in Vila Pavão-ES, as well as understanding the reasons that led to its rapid decay and abandonment. Installed in 2005 as a “cultural symbol”, it was closed to visitors in 2015 and fell to ruins in 2023. The research was divided in: I) bibliographical survey; II) field research; and finally III) data analysis and writing exercises. The results were a reflection of the national museum scenario. Authorities and the city’s population certify the importance of cultural heritage in speech, but not sustainable in practice. In the absence of social mobilization, patrimony policies become dependent on the voluntarism and personalism of specific political actors.

Key words: Pomeranians. Migration. Cultural heritage. Museum. Espírito Santo.

Resumen: Este artículo presenta los principales resultados de una investigación etnográfica sobre los debates políticos e intelectuales que contribuyeron a la creación del Museu Pomerano Franz Ramlow, en Vila Pavão-ES, así como la comprensión de las razones que llevaron a su rápida decadencia y abandono. Instalado en 2005 como “símbolo cultural”, fue cerrado a los visitantes en 2015 y cayó en ruinas en 2023. La investigación se dividió entre: I) levantamiento bibliográfico; II) investigación de campo; III) análisis de datos y ejercicios de redacción. Los resultados fueron un reflejo del escenario

museístico nacional. Las autoridades y la población de la ciudad certifican en el discurso la importancia del patrimonio cultural, pero en la práctica no es sostenible. En ausencia de movilización social, las políticas patrimoniales se vuelven dependientes del voluntarismo y el personalismo de actores políticos específicos.

Palabras clave: Pomeranos. Migración. Patrimonio cultural. Museo. Espíritu Santo.

Recebido em: 12 de junho de 2024.

Aceito em: 22 de outubro de 2024.

Introdução

Vila Pavão é uma cidade serrana, localizada na região noroeste do Espírito Santo, distante 280km de Vitória¹. Conta-se que o povoado criado na década de 1940 atraiu dezenas de famílias pomeranas que viviam em outras regiões do estado e também recém chegadas da Europa, fugindo de perseguições políticas após a divisão das Alemanhas (1945). Os descendentes pomeranos e os refugiados estabeleceram vizinhança com “afrobrasileiros” e “italianos” na colonização e povoação da localidade, então distrito do município de Nova Venécia. Lembrado como uma liderança em sua época, Franz Ramlow (1912-2002) construiu, sob a arquitetura pomerana, um casarão para abrigar sua numerosa família, o qual recebeu as primeiras reuniões da Igreja Luterana na região. O edifício foi passado por três gerações da família Ramlow até a compra do imóvel, em 2004, pelo então Cônsul Honorário da Alemanha no Espírito Santo, em um projeto conjunto com a prefeitura de Vila Pavão, cuja intenção era transformar a residência em um “símbolo cultural”. No ano de 2005 foi inaugurado o “Museu Pomerano Franz Ramlow” que hoje se encontra em ruínas

O presente artigo tem por objetivo apresentar os debates intelectuais e políticos que concorreram para a criação do museu e que concorrem atualmente para o seu abandono. Buscamos compreender a construção social do museu enquanto alegado “símbolo cultural” para a cidade, bem como compreender a mudança ocorrida na perspectiva de valorização desse patrimônio cultural em pouco mais de uma década. Para tanto, foi observado o comprometimento da comunidade de descendentes pomeranos com a manutenção do museu e analisadas as relações da comunidade com o governo local e outros poderes.

¹ De acordo com o CENSO 2022, o município de Vila Pavão conta com 8.911 habitantes. Ver <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/vila-pavao>. Acessado em: 15/05/2024.

Os trabalhos foram divididos em etapas articuladas: I) levantamento bibliográfico sobre cultura e migração pomerana, musealização e processos de patrimonialização; II) pesquisa de campo na cidade de Vila Pavão, de dezembro 2022 a março 2023 para realização de entrevistas, grupos focais, visita a instituições e busca de documentos oficiais; e III) uma vez tendo realizado as leituras e dispendo da experiência de campo, procedemos com a análise dos dados e exercícios de escrita etnográfica. Cabe dizer, na esteira de Mariza Peirano (2014), que a etnografia não constitui um método específico de pesquisa, dada a impossibilidade de replicação de um modelo. Uma “boa etnografia”, no entanto, deve oferecer aos/às leitores/as a possibilidade de conhecer, por meio da linguagem escrita, aquilo que “foi vivo e intenso” durante o ato de pesquisar (Peirano, 2014, p. 386). Trata-se de um exercício de estranhamento sempre novo, iniciado com perguntas suscitadas pelas bibliografias, passa pelas emoções e quebras de certezas durante o trabalho de campo e culmina com a reorganização da pessoa por inteiro no ato de analisar os dados e escrever.

No caso desta pesquisa, o autor principal é descendente de pomeranos e cidadão pavoense engajado com a causa do museu. O desafio nesse processo de “observar/estranhar o familiar” é tornar-se capaz de “confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações” (Velho, 2013, p. 131). Não se trata de esconder a parcialidade em relação ao “objeto de estudo”, mas de tentar explicitar e encarar criticamente essa parcialidade (Strathern, 2014). O acesso à comunidade pomerana e às personalidades políticas de Vila Pavão foi possibilitado pelas relações de parentesco do etnógrafo iniciante e motivado pelo ativismo em defesa do museu. Isso abriu algumas portas e fechou outras. Foram entrevistadas vinte pessoas entre membros

da família Ramlow, políticos e outros interessados. O texto final, produzido a quatro mãos com o orientador, procura oferecer um balanço entre a crítica distanciada do segundo e o envolvimento afetivo do primeiro, sem apagar contudo o engajamento que enseja a própria iniciativa da pesquisa.

As perguntas norteadoras da pesquisa foram duas: i) quais os desafios colocados à comunidade de descendentes da migração pomerana no processo de musealização das suas heranças culturais? ii) quais os argumentos mobilizados na cidade a favor e contra o museu enquanto patrimônio coletivo que merece ser cultivado? A investigação foi conduzida seguindo alguns propósitos: a) contribuir com o corpo de conhecimento antropológico sobre essa minoria teutônica que vem se reinventando no Brasil; b) aportar dados e reflexões ao debate em escala nacional sobre preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural; e c) fomentar o debate público local sobre a vida do museu.

A cultura pomerana no Brasil vem sendo estudada, majoritariamente, com ênfase na preservação de sua língua. O interesse da sociolinguística é compreensível, já que parece existir um consenso sobre não haver mais falantes de pomerano na Europa (Bremenkamp, 2014; Pohlmann e Aguiar, 2020; Tressmann, 2005). No contexto das Ciências Sociais, o levantamento bibliográfico é ilustrativo de um campo em expansão. As abordagens antropológicas e sociológicas variam desde estudos sobre religiosidade e magia (Bahia, 2000), fronteiras interétnicas (Schneider, 2017), ritos alimentares (Schmidt e Farias, 2015), relações entre terra-família-trabalho (Fehlberg e Menandro, 2011), a mitificação do passado (Pereira, 2014) e também existem trabalhos em outras áreas como a arquitetura (Bosenbecker, 2011).

Do ponto de vista teórico, o artigo se insere nos diálogos interdisciplinares sobre migrações e memória social (Pollak, 1989;

Woortmann, 1994; Machado, 2019; Meyrer et ali., 2016), bem como adentra a seara dos estudos sobre museus e patrimônio cultural (Brulon Soares, 2017a e 2017b; Lima Filho et ali., 2007 e 2016; Tamaso e Lima Filho, 2012; Uriarte e Maciel, 2016). Articulam-se perspectivas da Antropologia, História, Letras e Artes. Letícia Victor (2019), em sua dissertação sobre os museus de imigração em São Paulo e Paris, destaca a “integração de novos sujeitos sociais ao discurso museal” e argumenta que esses museus atuam como “espaços de revalorização e revitalização de heranças do passado desprezadas pelos discursos memoriais hegemônicos” (Victor, 2019, p. 18).

De acordo com Hugues de Varine, ex-diretor do Conselho Internacional de Museus (ICOM), o museu na contemporaneidade deveria ser abordado como um “ecomuseu”, ou seja, um espaço múltiplo que congrega uma população em torno de um projeto, transformando habitantes em atores e usuários de sua própria herança, desenvolvendo uma base de dados para a comunidade e, a partir dela, promovendo discussões, reuniões e iniciativas (Varine apud Santos Júnior, 2019). Em Vila Pavão, a comunidade foi protagonista nesse processo de musealização da memória sobre a migração pomerana, por meio da transformação de coisas comuns em peças de coleção e da criação de um espaço de revitalização das pomerisch ärbschaft (literalmente, heranças pomeranas). Podemos dizer que o Museu Pomerano foi um ecomuseu, sem saber que era - visto que a comunidade não dominava este conceito.

O artigo está organizado no sentido de começar oferecendo contextualização sobre a migração pomerana e sua contribuição para a formação da cidade; em seguida, são apresentadas as narrativas sobre a história de criação do Museu, bem como as manifestações de indignação acerca de seu estado atual de

deterioração. Ato contínuo, trazemos um diálogo resgatando os debates antropológicos sobre musealização e preservação de patrimônio cultural. Posicionamos a atual situação do Museu Pomerano em consonância aos acontecimentos que marcaram a trajetória recente de dois dos museus mais importantes do país (Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo e Museu Nacional, no Rio de Janeiro), revelando as agruras da ausência de políticas públicas como a dependência de iniciativas pontuais e das idiosincrasias pessoais dos ocupantes de cargos².

A antiga Pomerânia e o processo migratório

Como ponto de partida, faz-se necessário ressaltar alguns aspectos históricos sobre a comunidade pomerana situada, em dias atuais, com grande maioria no Brasil, sobretudo nos estados do Espírito Santo e Santa Catarina. Visto que a identidade étnica pomerana é marcada também pela vinculação a uma territorialidade específica, cremos ser válido compreender sobre o local de origem desta população. A Pomerânia foi uma das 36 províncias pertencentes ao antigo Reino da Prússia. Localizada às margens do Mar Báltico, a nação pomerana chegou a contar com uma população estimada em 630.000 pessoas. Atualmente, o território pomerano encontra-se dividido entre Alemanha e Polônia, sendo praticamente improvável encontrar falantes da língua pomerana nesses países europeus (Bremenkamp, 2014; Tressmann, 2005).

Dois momentos marcam a história da migração pomerana para o Brasil: a chegada dos primeiros imigrantes na segunda metade do século XIX e a Segunda-Guerra Mundial (1939-1945).

² O Museu da Língua Portuguesa, patrimônio do governo estadual de São Paulo, é administrado por parceria público-privada, enquanto que o Museu Nacional é uma instituição federal vinculada ao Ministério da Educação. Apesar de distintas esferas administrativas e modelos de gestão, provoca nossa atenção a semelhança do sinistro ocorrido.

Vinte e sete famílias desembarcaram no litoral do Espírito Santo em 28 de junho de 1859, estimuladas pela campanha de importação de trabalhadores rurais e de branqueamento da população, patrocinada pelo Governo Imperial brasileiro e executada pelos governadores provinciais. Em sua maioria, a comunidade era formada por agricultores de religião luterana que assinaram contratos com comerciantes e donos de terra das regiões sulistas do estado, como Santa Leopoldina (Bremenkamp, 2014, p. 57-58). Para a nossa história, interessa a chegada de Carl Ramlow e sua família em 1872.

Com o passar das décadas, os pomeranos seguiram migrando para o Brasil. Após o término da Segunda Guerra Mundial, a maior parte do território tradicional pomerano foi incorporada à Polônia. Nessa época, sofrendo perseguições políticas no novo país - por serem "alemães", os últimos pomeranos deixaram sua terra em busca de asilo no exterior. Centenas de famílias escolheram o Espírito Santo para realizar o seu projeto migratório, tendo em vista que esse estado brasileiro já abrigava colônias pomeranas (Bremenkamp, 2014, p. 63). Essas colônias só fizeram crescer desde então. O linguista Ismael Tressmann, professor de idioma pomerano e pesquisador, calculou que as cidades do Espírito Santo acomodavam, na década de 2000, mais de 120 mil descendentes dessa migração (Tressmann, 2005, p. 15). No Espírito Santo, é possível encontrar famílias nas quais a língua pomerana é falada diariamente por idosos, adultos e crianças.

Os principais registros que temos disponíveis, atualmente, sobre a migração pomerana e suas tradições reinventadas no Brasil foram feitos justamente por linguistas. O já citado Ismael Tressmann foi o responsável por criar, no século XXI, uma escrita para o idioma, classificado na família das línguas germânicas, subfamília do baixo-alemão oriental. Os investimentos da

comunidade pomerana na reconstrução de sua língua e na defesa de seus direitos linguísticos surtiram como resultado a co-oficialização do idioma pomerano em algumas cidades, como Santa Maria do Jetibá, ato legal que incentiva o ensino da língua em escolas e seu uso oficial em lugares e eventos públicos (Pohlmann e Aguiar, 2020).

Para além do idioma, os pomeranos querem se diferenciar ainda mais de uma atribuição genérica de “alemão”. Não é correto identificar o oprimido com o seu opressor. Os pomeranos criaram seus próprios caminhos atravessando o Atlântico e subindo as serras capixabas. Deixaram seu território tradicional para trás, porém trouxeram de lá suas artes e técnicas para reinventar a Pomerânia nos trópicos. Um dos atributos principais da pesquisa antropológica é justamente tornar visíveis as culturas em suas diferenças relativas (Wagner, 2010). Ao abordar a trajetória do Museu Pomerano, veremos como o mesmo tem participação ativa nesse processo de valorização da identidade pomerana, não somente como guardião da memória, mas também como espaço de reunião e criação de novas experiências.

10

O desenvolvimento de Vila Pavão e o Casarão Pomerano

Após a ocupação de terras sulistas no Espírito Santo, há uma segunda fase da migração interna que é feita para cidades mais ao norte, espalhando-se (por volta da década de 1920) pelo vale do Rio Doce, que corta o estado em cidades como Pancas, Baixo Guandu e Colatina, bem como Aimorés-MG. Algumas das cidades que mais comportam descendentes de pomeranos hoje em dia são: Santa Maria de Jetibá, com cerca de 80% da população; Laranja da Terra,

com 70% da população total e Vila Pavão, bem ao norte do estado, cuja presença pomerana equivale a cerca de 60% da população (Foerste, 2016). Pomeranos espalharam-se por toda a extensão do Espírito Santo. Como é o caso de um dos descendentes de Carl Ramlow, seu neto Franz. Este partiu com sua família em direção ao norte do Estado. Eventualmente, estabeleceram-se na área rural da cidade de Nova Venécia, onde em conjunto com demais famílias pomeranas, descendentes de italianos e afro-brasileiros, fundaram uma vizinhança denominada pelo tropeiros como “Vila Pavão”.

Motivado pelas terras férteis, potencial hídrico e valores baixos de aquisição de terrenos, Franz Ramlow tinha intenção de propiciar uma boa moradia para seus filhos. No final da década de 1940, pelas mãos de Richard Peters - refugiado pós-Guerra Mundial - surgiu uma enorme casa, construída sob influência da arquitetura pomerana. Como Richard exercia a profissão de construtor na antiga Pomerânia, ao chegar no Brasil manteve seus serviços conforme aquilo que aprendera, adaptando materiais. Desta forma, começou a erguer-se a casa que abrigaria Franz e Adelaide Ramlow, em conjunto com seus 7 filhos.

Franz e sua família continuaram a desempenhar o papel de agricultores, plantando milho, batata-doce, mandioca, arroz, cana-de-açúcar, café e mantiveram atividades de pecuária, chegando a possuir mais de 100 bovinos e suínos. Os pomeranos, até poucas décadas, sobreviviam exclusivamente como camponeses/trabalhadores rurais, extraindo da terra aquilo que precisavam para subsistência e vendendo os excedentes.

A reafirmação do trabalho como valor que dá sentido à vida da comunidade, ao ponto da própria aquisição de bens considerar o interesse do grupo e do trabalho que executa, remete ao fato de que a

vinda para outro continente foi impulsionada pela esperança de poder trabalhar e viver desse trabalho, com boa qualidade de vida, a partir da aquisição de terras (Fehlberg, Menandro, 2011, p. 87).

Assim como a família Ramlow, diversas outras - em maioria pomeranos vindos do sul do Espírito Santo - se mudaram para os arredores daquele local que viria a ser chamado de Vila Pavão. Como um dos precursores na cidade, Franz logo conseguiu administrar bem seus ganhos e assim montar um comércio para distribuição de farelos e grãos para a população em geral, fato que lhe gerou ganhos para sustentar a enorme família, comandar diversos festejos e celebrar os casamentos de seus filhos à moda pomerana, com bastante fartura.

Klaus Granzow - jornalista, ator, redator, escritor e pesquisador pomerano - em uma de suas visitas ao Brasil, durante a década de 1970, com o intuito de escrever sobre a vida dos pomeranos residentes no país, passou por Vila Pavão, onde ficou hospedado no antigo casarão de Franz. Segundo o mesmo:

Tudo isto o Franz Ramlow me contou na primeira noite, dentro da sua ampla casa. Durante o nosso diálogo surgiu um clima amistoso como se estivéssemos numa sala de tear na Pomerânia Oriental, onde os avós contavam as suas histórias. Estávamos todos sentados na grande mesa robusta na sala de estar, que pelos pomeranos é chamada de antessala. Na porta havia uma lamparina com uma chama fumegante. Na varanda se observava várias moças e rapazes que prestavam atenção em nossa conversa sobre os colonos pomeranos que chegaram em "Número Um", vindos da Pomerânia, na Alemanha. Sentia-me como se estivesse na Pomerânia Oriental, num tempo que nem cheguei a conviver e ao mesmo tempo me senti bem e protegido, como se estivesse em minha própria casa. (Granzow, 2009, p. 22)

Era realmente este o objetivo da casa, que remetendo-se aos aspectos culturais dos familiares e visitantes, transformava o ambiente em uma realidade sonhada da terra que seus antepassados tiveram que deixar para trás. Desta forma, é fundamental salientar sobre esta questão: nenhum pomerano saiu de suas terras natais por interesses pessoais ou por prazeres, foi uma necessidade. Aqueles que chegaram ao Brasil, vieram por questões de sobrevivência, tiveram que abandonar tudo que haviam conquistado na Pomerânia e deixar uma vida inteira para trás em busca de melhores condições, onde pudessem ter o pão de cada dia. Como bem argumentou Ellen Woortmann sobre a memória de descendentes germânicos no sul do Brasil, “a memória dos colonos é construída na nostalgia da prosperidade do passado, que se opõe às suas condições adversas atuais” (Woortmann, 1994, p. 7).

Trazemos à tona novamente os dizeres sobre a arquitetura pomerana que assemelha-se em certos aspectos com a arquitetura Germânica (uma das poucas semelhanças entre Pomeranos e Alemães, que fique claro). A casa geralmente é construída de forma elevada, majoritariamente constituída de grandes toras de madeira, características do estilo enxaimel (madeiras à mostra entrelaçadas com pedras ou tijolos), com janelas pequenas, e um telhado em formato de chapéu pontiagudo, para que a neve caísse com fluidez e não permanecesse no telhado, trazendo risco de desabamento. Seguindo essas particularidades, a casa de seu França (como era chamado Franz) abrigou Klaus durante alguns dias, onde sentiu-se em casa, mesmo com o clima predominantemente quente, provindo de uma região tropical: “Ao adormecer, senti uma cobertura macia de penas e tive a impressão de que não me encontrava nos trópicos e sim, no lugar mais frio da Pomerânia Oriental” (Granzow, 2009, p. 22). Conforme relatos de cidadãos pavoenses, Franz

Ramlow foi uma das principais lideranças da cidade por muitos anos, um dos principais articuladores do processo de emancipação do município que só viria a se concretizar na década de 1990.

O Museu Pomerano Franz Ramlow

A predominância de descendentes de pomerano em Vila Pavão se aproxima dos 60% (Foerste, 2016). As manifestações culturais referentes à presença desses indivíduos abundam na região. Porém, desde a ocupação das terras pavoenses até o final da década de 1980, não havia incentivo público às culturas tradicionais ou alguma espécie de festividade cuja intenção fosse destacar as tradições pomeranas, assim como as demais presentes na região.

A história do Museu começa muito antes de sua criação. A ideia de sua concepção começou em meados de 1989, quando o professor Jorge Kuster Jacob e associados criaram, na única escola da cidade até então, a festa “Pomitafro” (Pomeranos-Italianos-Afrodescendentes). Começando como uma festividade de escola que buscava valorizar as três etnias que fundaram a cidade, a Pomitafro despertou na população um sentimento de pertencimento, sendo provavelmente a primeira sensação de impacto cultural presente na cidade. Os grupos folclóricos são convidados a se apresentar com música e dança. São ofertadas comidas tradicionais como o brote dos pomeranos e outros. A comunidade pavoense estava descobrindo que valorizar suas tradições era algo positivo, sem que houvesse o sentimento de vergonha de parte a parte. A partir das primeiras edições acontecendo dentro do Centro Integrado de Educação Rural/CIER de Vila Pavão, a Pomitafro expandiu-se e passou a fazer parte do calendário municipal de eventos, atraindo visitantes de outras cidades do Espírito Santo e também de Minas

Gerais para assistir aos shows de cantores famosos.³

Com a expansão da festa, surgiu no início dos anos 1990 a ideia de constituir, junto à prefeitura, um equipamento cultural que valorizasse de forma material as tradições pomeranas. Inicialmente o projeto consistia na construção de um “Parque Histórico e Cultural Pomerano de Vila Pavão”, que abrigaria uma casa tipicamente construída sob a arquitetura tradicional, algum pedaço de mata nativa da região, utensílios, pomares e córregos que pudessem demonstrar como viveram os imigrantes e os primeiros descendentes pomeranos. O projeto precisava cumprir duas pendências para se concretizar: 1º - encontrar alguma propriedade rural que atendesse sua demanda, contendo uma estrutura favorável à construção do parque; 2º - algum incentivador financeiro, público ou privado. Durante anos o projeto manteve-se arquivado em gavetas e no coração de seus idealizadores.

Quando decidiu mudar-se para o centro da cidade, no ano de 1979, Franz Ramlow passou a casa para Leopoldo, seu filho mais velho, com a esposa e seus 10 filhos. Com o falecimento de Leopoldo, no ano de 1998, a esposa Iracema ficou responsável pela casa, até o ano de 2004, quando também veio a falecer. Com o passar dos anos, a maioria dos filhos(as) casaram e deixaram a casa para construir sua própria família e residência. Entretanto, os dois irmãos mais novos, Clério e Ema, permaneceram na casa após o falecimento de sua mãe. Casarões pomeranos - como o próprio nome já diz - são enormes casas com numerosos cômodos feitos para abrigar grandes famílias. Por se tratar de uma construção feita a base de madeira, torna-se essencial a manutenção anualmente, assim como um elevado índice de limpeza, para atrasar o máximo possível o processo de degradação dos materiais. Assim, Clério e Ema viram-se em uma situação complicada, na qual somente os

³ A festa Pomitafro alcançou no ano de 2024 sua 25ª edição, executadas de forma não consecutiva. <https://portal.redenoticia.es/24a-pomitafro-e-realizada-com-grande-sucesso-em-vila-pavao/>, consultado em 15/05/2024.

dois seriam incapazes de zelar devidamente aquele ambiente.

Após alguns meses do falecimento da senhora Iracema, Clério recebeu uma proposta de outra família local, consistia na ideia de desmontar a casa toda e vender sua madeira pelo equivalente de R\$16.000 (dezesesseis mil) reais. Uma oferta tentadora para a época. Com o valor seria possível iniciar a construção de outra casa, mais moderna e menor, onde os irmãos poderiam seguir envelhecendo com mais tranquilidade. Apesar do valor não chamar a atenção de Clério, por outro lado, chamou a atenção de Jorge Kuster Jacob, que então ocupava o cargo de Secretário Municipal de Educação de Vila Pavão⁴.

Depois de uma década existia, ali, a possibilidade de realização de um sonho, a construção de um “parque cultural”. Era o cenário perfeito para colocar em prática a ideia que estava engavetada e que agora parecia viável. Segundo relato de ambos, após saber da notícia que o casarão poderia estar correndo risco de venda, Jorge imediatamente foi até a residência falar com o anfitrião. A ideia do reconhecimento oficial da casa de sua família como um patrimônio histórico logo o conquistou - juntamente com a oportunidade de compensação financeira - e naquele momento fecharam acordo. Contudo, ainda restava solucionar o segundo problema do projeto, o incentivo financeiro.

A solução para essa problemática foi encontrada com o senhor Helmut Meyerfreund (1936-2018), então diretor executivo da empresa Chocolates Garoto e cônsul honorário da Alemanha no Espírito Santo. Sob a palavra de que o imóvel, assim como o terreno ao redor do museu, seriam cedidos única e exclusivamente para a eventual construção de um parque/museu pomerano, Clério e Helmut fecharam acordo no valor de R\$ 60.000,00 (sessenta mil reais), logo no primeiro mês do ano de 2005. Após a compra, o

⁴ O professor Jorge Kuster Jacob exerceu o cargo de Secretário Municipal de Educação em duas oportunidades, nos anos 1993-1994 e de 2001 a 2004. E o cargo de Secretário Municipal de Cultura e Turismo de 2005 a 2008 e 2009 a 2012.

cônsul doou tanto a casa, como o terreno para a prefeitura de Vila Pavão e assim puderam começar a transformar o local no que viria a ser chamado de Museu Pomerano Franz Ramlow.

O projeto do Parque Pomerano foi deixado de lado. Nos arredores da casa não existia riachos ou florestas nativas com pomares. Uma espécie de museu seria algo mais concreto e de fácil acesso e realização. Assim, por meio de uma emenda parlamentar no valor de R\$30.000,00 (trinta mil reais), iniciaram-se reformas na casa para sua inauguração como museu. As cores verde e vermelha deram lugar ao branco e azul - assim como a bandeira pomerana -, algumas portas foram fechadas, virando paredes. Já alguns móveis continuaram dentro do casarão, tornando-se parte da coleção museológica, como é o caso da mesa de jantar, utensílios de cozinha e um chapéu do próprio Franz. Tudo na intenção de passar a imagem mais próxima possível da rotina de uma família com costumes e tradições pomeranas.

Parafraseando Maria Thereza Böbel - ex-diretora do Museu Nacional de Imigração e Colonização (MNIC) de Joinville - SC - os visitantes precisam aprender sobre a história e a cultura da cidade, e apenas tendo conhecimento acerca disso, é que os habitantes e visitantes conseguem ver onde estão e o processo pelo qual o local passou até chegar nos dias atuais (Machado, 2019, p. 101). Deste modo, é possível não só manter viva a cultura por meio do museu, como também, e principalmente, respeitar o povo que ajudou a construir a cidade e a história da mesma. Segundo Regina Abreu:

É por meio do espaço, ou da experiência do espaço do museu quando percorremos ruas, visitamos seus objetos, interagimos com suas propostas expositivas que nos conectamos com uma vivência incomum, deixando a rotina do cotidiano para um percurso inteiramente novo. A experiência do visitante de um museu é uma experiência performática

na qual todo o corpo participa de um movimento em tudo diverso do andar nas ruas, dos espaços de trabalho ou mesmo de outros espaços de lazer. Percorrer um museu é uma atividade única, específica, singular. (Abreu, 2019, p. 182)

O Museu Pomerano Franz Ramlow cumpria bem esses “requisitos”, ele proporcionava para seus visitantes a melhor imagem possível da cultura pomerana. Adentrando a casa era possível entender como cumpriam as mais simples tarefas, como também o mais bruto trabalho braçal nos campos. Proporcionava, pois desde o ano de 2015 o imóvel foi fechado para visitaçã e em 2023 desmoronou. No início, se deu por alguns motivos estruturais, como madeiras em estado precário devido a permanência de cupins na residência e demais problemas estruturais correspondentes à falta de drenagem e aterramento do local. Durante o período de 2017-2020 ainda eram feitas faxinas constantes na casa e ao redor da mesma. O museu contava com uma equipe de duas pessoas responsáveis por organizar e manter a limpeza. A casa era aberta diariamente e o quintal varrido e carpido, assim foi contado pelo ex-Secretário Municipal de Cultura e Turismo da gestão 2017-2020. Como pode ser visto na Figura 01:

Figura 01: Museu Pomerano Franz Ramlow - 3 de setembro de 2018.



Fonte: Arquivo pessoal de Gil Leandro Breger Lauvers Vieira Paz.

Ao perpassar da pandemia provocada pela Covid-19, nos anos de 2020 e 2021, assim como a troca dos governos municipais, o Museu foi mantido totalmente fechado e sem limpeza ou manutenção alguma. No dia 27 de abril de 2021 foi realizada uma campanha para retirada do coleção museológica que havia dentro da casa, os móveis maiores (mesas, bancos, camas) foram colocados em uma estrutura coberta ao lado do Museu, que era utilizada para a fabricação e venda da culinária pomerana⁵. Já os itens menores como utensílios de cozinha, quadros e vidraças foram levados para outro local onde já funcionou a biblioteca municipal. Na Figura 04 é possível perceber o estado de conservação precário que a casa e o terreno se encontravam, já no dia 27 de abril de 2021:

⁵ A matéria completa foi divulgada por um web-jornal local e pode ser acessada através do endereço eletrônico: <https://tribunaadopavao.com.br/prefeitura-de-vila-pavao-realiza-forca-tarefa-para-salvar-acervo-do-museu-pomerano/>. Acessado em 18/05/2024.

Figura 02: Museu Pomerano Franz Ramlow - 27 de abril de 2021.



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Vila Pavão.

De acordo com informações fornecidas pelo prefeito e pelo secretário de cultura durante o período de 2017-2020, no último ano de seus mandatos conseguiram um orçamento avaliado em R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais) em forma de emenda parlamentar destinada ao município por um deputado estadual. Esse valor deveria ser totalmente convertido em reformas estruturais do museu, porém, em virtude de alegado erro do setor contábil, perderam os prazos de submissão do projeto. Com isso, encerrou-se o mandato de ambos e o valor não pôde ser devidamente utilizado. No ano de 2021, a gestão anunciou o início de estudos preparatórios para restauração, reforma ou reconstrução do imóvel⁶. No entanto, as notícias mais recentes datam do ano de 2021 e já estamos em 2024. Quase nada foi realizado, exceto o destelhamento e retirada de algumas madeiras, contribuindo para o processo de demolição desencadeado pelos fortes temporais com vento.

Ao longo do tempo, como cidadão pavoense, foi possível acompanhar a deterioração deste patrimônio histórico. Nas

⁶ <https://www.vilapavao.es.gov.br/noticia/ler/9882/representantes-do-governo-estadual-realizam-visita-tecnica-ao-museu-pomerano-franz-ramlow>, acessado em 15/05/2024.

condições em que chegou, o Museu Pomerano não parece aquilo que foi concebido. Qualquer pessoa leiga que passa perto poderia supor que naquele local jaz uma casa abandonada, cujos moradores partiram a muito tempo. A partir de dezembro de 2022 a prefeitura local começou a destelhar a casa no que chamaram de “começo de uma eventual reforma” - justamente no mês de maior incidência de chuvas em Vila Pavão - e com isso, as paredes ficaram sem proteção contra os temporais que assolam a região em todo final/começo de ano (vide figura 03).

Figura 03: Museu Pomerano Franz Ramlow - 15 de janeiro de 2023.



Fonte: Fotografia do autor.

De acordo com José Reginaldo Santos Gonçalves, o Estado tem um papel essencial em suas políticas de patrimônio: identificar grupos sociais e zelar por suas propriedades (Gonçalves, 2009). Neste caso, a prefeitura de Vila Pavão não assumiu a parte do zelo. Não se pode dizer que não haja manifestações culturais na cidade

ou então que as tradições pomeranas não sejam reconhecidas. Desde a década de 2000 a prefeitura apoia iniciativas das associações culturais como a APOVIP (Associação Pomerana de Vila Pavão). Isso pode ser observado principalmente na Pomitafro, nas mobilizações feitas em escolas, esquinas culturais e outros eventos.

Entretanto, a Prefeitura tem falhado com o Museu Pomerano desde a sua fundação, essencialmente pois não foi realizado o tombamento da casa. A partir de seu tombamento, o bem cultural adquire um estatuto legal especial, o que implica em restrições e deveres para os proprietários ou responsáveis pela sua conservação⁷. Desta forma seria assegurado ao museu seu direito de reforma. Jorge Kuster Jacob, em conversa informal, confessou que sequer cogitou-se essa possibilidade no âmbito da prefeitura, nem quando ele tinha cargo de Secretário. Nos anos 2020, com a casa em ruínas, o tema continua sendo tratado sem a devida atenção. Não existe, sequer, um inventário dos itens existentes dentro da casa antes de iniciada a demolição.⁸

É notável a falta de cuidados que a municipalidade deu/dá ao referido centro cultural. Desde seu processo de doação, os problemas de infraestrutura eram conhecidos pelo órgão público que optou por realizar reparos pequenos ao longo de algumas “reformas”. Entretanto, uma casa com mais de 80 anos, construída majoritariamente de madeiras da década de 1940 precisa de mais que restauros mínimos e retoque na pintura. Para isso é necessário investimento e prioridade, investimentos referentes às manifestações culturais estiveram presentes na cidade nas últimas décadas, contudo, esses tendem a ser direcionados para

⁷ O instituto do tombamento foi criado pelo Decreto-Lei Nº 25, de 30 de novembro de 1937, sendo esta a principal legislação nacional atualmente em vigor e que ampara as legislações estaduais e municipais sobre o tema. Trata-se de processo administrativo por meio do qual o Poder Executivo, a fim de proteger bens móveis ou imóveis dotados de valor cultural, reconhece formalmente o especial significado e o interesse público do qual se reveste determinada coisa, que passa a ficar submetida a um especial regime jurídico no que toca à disponibilidade, à conservação e à fruição, com o escopo de preservar os seus atributos.

⁸ Sobre o material que se encontrava no museu, é digno de registro que o pesquisador não foi autorizado a entrar no espaço onde estão estocados, impossibilitando a realização de qualquer tipo de levantamento.

eventos passageiros como a Pomitafro, desta forma, o município vem pecando em tornar o Museu uma de suas preferências. Na figura 04, comprova-se este argumento apenas olhando para o atual estado em que se encontra.

Figura 04 - Ruínas do museu pomerano - 17 de agosto de 2023



Fonte: Fotografia do autor.

Se os criadores do museu tinham o objetivo de fazer do local uma referência para a cultura pomerana, o estado de ruína atual não inspira mais do que boas lembranças. No ano de 2023 ninguém poderia apontar e dizer que o Museu Pomerano sequer existe. Nem a velha casa, construída sob medida para a família numerosa na década de 1940, resistiu. É desapontador ver como um importante símbolo cultural da cidade durante os anos 2000 pôde ser tratado com tanto descaso, enquanto o discurso de valorização dos costumes continua forte ano após ano.

Musealização da cultura e Cenário Museológico Nacional

“Gostaria que aquilo permanecesse em cinzas, em ruínas, apenas com a fachada de pé, para que todos vissem e se lembrassem. Um memorial”.

Eduardo Viveiros de Castro⁹

A Pomerânia (re)existe num pedaço do Brasil, por meio de sua língua, de sua arquitetura, de suas memórias e, sobretudo, vive nas pessoas que se alegram em afirmar que são descendentes de pomeranos. Note-se que toda uma “tradição cultural” pomerana parece ter sido construída em terras capixabas. Suas casas, suas roças, seus filhos e filhas, seus casamentos, etc. Até mesmo a língua só recebeu a escrita recentemente, graças ao esforço do já mencionado linguista pomerano-brasileiro Ismael Tressmann.

Nesse processo de marcação de diferenças, surge o tema do museu. Mais precisamente, a noção de musealização da cultura. A cultura é entendida pela antropologia como algo vivo, em constante movimento e reinvenção (Wagner, 2010). Já a musealização retira os objetos de sua vida ordinária e os coloca na condição de “documentos” dentro de um discurso museal selecionado (Loureiro e Loureiro, 2013). Pode-se dizer que o Museu Pomerano, dentro do discurso que o constituiu, pretendia transformar as experiências dos imigrantes pomeranos e primeiros descendentes em um documento capaz de fazer comunicar o passado e o presente em Vila Pavão. Sendo assim, o ato de musealização também constitui um movimento que transforma a própria “cultura”, quando os sujeitos tomam consciência sobre a existência de uma e tratam de objetificá-la. O discurso museal se manifesta em Vila Pavão como invenção direcionada à preservação de memórias ou heranças (ärb) que atuam como sinais diacríticos da identidade pomerana. A exemplo de um ecomuseu, tal qual idealizado por Hugues de Varine (Santos Júnior, 2019), o Museu Pomerano Franz Ramlow documentava, para conhecimento das novas gerações, as heranças

⁹ Sobre o incêndio do Museu Nacional em 2018.

erguidas pelos pomeranos (pomerisch ärbschaft).

A musealização é um conceito chave para falarmos sobre a seleção, preservação, interpretação e exposição de objetos, documentos ou até mesmo palavras e ideias em um museu. Essa é uma ação significativa para dar continuidade à cultura material e à memória coletiva de uma comunidade, assim como tornar uma construção outrora “neutra” em um espaço repleto de cultura e história. Os museus têm o importante papel de estabelecer conexões com o passado, o presente e até mesmo o futuro. De acordo com a definição mais atual sobre museus:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos¹⁰.

A musealização, como definida por Zbyněk Z. Stránský, não se limita à simples exibição de objetos dentro de um museu, mas envolve um processo de resgate e atribuição de valor documental aos itens expostos (Brulon Soares, 2017b). Nesse sentido, o Museu Pomerano Franz Ramlow de Vila Pavão existiu como um importante espaço de preservação cultural, não apenas guardando objetos, mas também exemplificando a história pomerana através das peças exibidas. A grande maioria dos objetos que compunham a coleção museológica do Museu Pomerano foram doadas por uma variedade de famílias pomeranas da cidade, inclusive os próprios indivíduos que residiam no local, antes que esse tornar-se museu,

¹⁰ Definição aprovada em 24 de agosto de 2022 durante a Conferência Geral do International Council of Museums (ICOM) em Praga, Tchequia. Disponível em http://www.icom.org.br/?page_id=2776, consultado em 11/10/2024.

o que permitiu criar uma conexão entre o passado e o presente, um processo fundamental para a perpetuação das tradições locais.

A musealização remove bens e registros de seu contexto original e os coloca em um ambiente controlado para que possam ser estudados, apreciados e protegidos. Entretanto, neste caso nos referimos a objetos pertencentes à cultura pomerana, especificamente da cidade de Vila Pavão, onde os próprios moradores dispuseram de algumas de suas posses para incorporar ao Museu Franz Ramlow. A intenção da população da cidade está entrelaçada com a razão pela qual o conceito de musealização tende a ser relevante, podendo destacar três vertentes: I) preservação do patrimônio e objetos históricos; II) construção de uma memória coletiva e da identidade cultural; III) representatividade e inclusão. Por isso falamos também em um ecomuseu, tendo em vista a indissociabilidade das trajetórias da comunidade e do casarão-museu.

Em suma, esses três pressupostos moldam bem o que pode ser chamado de “ato de musealizar”, uma vez que a missão por trás disso encontra-se em manter vivas as memórias e tradições de certas comunidades, nesse caso, os pomeranos. É possível compreender os museus como um ambiente não só de preservação, mas também de recuperação histórica, e como uma tentativa de manter viva as raízes que, de alguma forma, fizeram de um determinado local o que ele é (Gevehr, Meyrer, Neumann, 2016). Através de sua coleção museológica, muitas vezes composto por instrumentos, móveis, pinturas, etc., os museus ou ecomuseus têm o encargo de mostrar e exemplificar aos seus visitantes e aos próprios membros da comunidade, as diferentes trajetórias daquela determinada sociedade e as transformações atravessadas ao longo do tempo (Machado, 2019; Santos Júnior, 2019).

Ao percorrer o museu, os visitantes podem contemplar

artefatos e propostas expositivas que muitas vezes não estão presentes em sua vida cotidiana. Isso resulta em uma experiência incomum, justo que o ato de visitar um museu oferece aos visitantes oportunidades de fugir da rotina diária e explorar um novo caminho, seja cultural, histórico ou artístico. Essa experiência pode ser comparada a uma performance, na qual todo o corpo participa. Por meio disso, a visita não é somente um ato passivo de observação, mas sim uma interação ativa com as exposições e os espaços do museu. Percorrer um museu não é o mesmo que andar pelas ruas, trabalhar ou participar de outras atividades de lazer. A experiência do museu é algo singular, uma vez que fornece um contexto único para apreciar e entender as obras e coleções expostas (Abreu, 2019).

É importante olhar através de uma lente antropológica para a compreensão das dinâmicas culturais e sociais nas quais o patrimônio histórico - principalmente os museus - estão inseridos, bem como a validação dos atores sociais que participam dessas instituições, pois estes são peças fundamentais para a evolução do cenário museológico ao longo das décadas. Por muito tempo, os museus foram considerados como depósitos de objetos, entretanto, é possível adotar perspectivas mais inclusivas e participativas através do ramo antropológico, onde é possível visualizá-los como produção de conhecimento, significados, e acima de tudo identidade (Filho, Abreu, Athias, 2016).

Atualmente, os museus têm sido abordados desde sua condição de espaço privilegiado para a reprodução, revitalização e reinvenção das memórias sociais (Lima Filho et ali., 2016). Como argumenta Pollak, a preservação e construção de “memórias” é o que garante a sobrevivência dos grupos sociais, mesmo quando as pessoas já morreram (Pollak, 1989, p. 8). As memórias pomeranas inscritas na trajetória do museu nos permitiram construir uma

narrativa sobre dois momentos do casarão enxaimel. Primeiro, o lar de uma família de colonos cujo patriarca gozava de prestígio local e promovia a cultura do seus ancestrais, promovia festas e cultos religiosos. Depois, foi transformada em “símbolo cultural” para uma cidade. Retirada de seu contexto familiar, a casa foi ocupada por projetos educacionais, ensaios de grupos folclóricos e visitas guiadas. O museu oportunizou a troca de saberes, a reunião de pessoas e fomentou a criatividade. Algumas sementes de mudança foram plantadas em jovens corações, mas não houve continuidade pelas circunstâncias já descritas.

O estabelecimento de um discurso museal e sobretudo a manutenção de um museu, não acontece sem fricções com outros interesses político-econômicos e mesmo atritos e cismas internos à comunidade que jamais é homogênea. Por essas razões, o “Museu Pomerano Franz Ramlow” pode ser entendido como um dispositivo de produção de diálogos interculturais, resultado do choque entre diferentes pontos de vista do passado e do presente (Rial, 2016). A dimensão do poder é de suma relevância quando se fala em interculturalidade. A negociação entre os pontos de vista tende a ser conflituosa. Sempre haverão descendentes de pomeranos ocupando cargos na prefeitura e/ou no legislativo de Vila Pavão (é um fato estatístico), mas educação e cultura não são prioridade para todos.

A narrativa de valorização cultural e preservação do patrimônio é forjada nesse contexto de diálogos e disputas sobre o passado enquanto as políticas são forjadas na disputa por recursos no presente. A festa Pomitafro, como exemplo, resiste adaptada às tendências do show business. As culturas tradicionais convivem e disputam a atenção do público com a indústria do entretenimento. A articulação dos agentes em defesa do museu, contudo, não demonstrou a mesma resiliência. O

Museu Pomerano ficou dependente do voluntarismo e de doações ocasionais. Talvez alguns efeitos do discurso museal proposto ainda estejam de pé, mas os pomeranos estão vendo seu museu, casa de uma família pioneira da cidade, bem público, desaparecer a olhos nus. Constata-se que não existem condições técnicas, nem financeiras, nem mobilização comunitária, nem vontade política para a manutenção do museu.

O conceito de museu vai muito além da casa e seus pertences, é sobre o sentimento que desperta em cada pessoa que passa por ele. E principalmente, neste caso em específico, as recordações que florescem em cada descendente pomerano. Ter um local que represente a forma como viviam seus antepassados ultrapassa os limites simbólicos e torna-se uma obrigação zelar por esse patrimônio, uma vez que o museu e seus objetos são extensões de todo o sofrimento que este povo teve de passar até estabelecer-se dignamente em terras brasileiras. De acordo com Linda Smith, é preciso encorajar efeitos de mudança, e não só exemplificar o que está essencialmente desacertado: “enquanto houver grupos que tiveram suas histórias negadas e apagadas, gerações inteiras destroçadas, terras e conhecimentos roubados, o valor da pesquisa só existirá quando ancorado em efeitos de mudança, cura e reparação” (Smith, 2018, p. 3).

Nossa modesta contribuição é evidenciar mais uma vez o voluntarismo de um professor brasileiro em defesa da educação e da cultura. Primeiro com uma festa de escola que virou parte do calendário municipal, depois a articulação financeira com um mecenas para a compra do casarão que virou museu. O museu resistiu enquanto ele foi Secretário Municipal de Cultura e Turismo. Jorge Kuster só não conseguiu o tombamento do prédio, o que aumentaria as obrigações da prefeitura com a manutenção do patrimônio. Seu ativismo introduz sementes de mudança,

sobretudo ao oferecer aos estudantes a oportunidade de vivenciar um museu no qual a comunidade participava. Seu ativismo quase solitário, no entanto, nos obriga a refletir sobre as discontinuidades nas políticas de preservação do patrimônio cultural, com atenção especial aos museus.

A deterioração do museu e seu subsequente fechamento em 2015 revelam uma fragilidade nesse processo de musealização, que depende não apenas da criação de um espaço físico, mas também de políticas públicas e engajamento contínuo da comunidade e autoridades. Sem o suporte financeiro e institucional necessário para manter o museu aberto, o valor simbólico e cultural dos objetos se perde, resultando em um rompimento da memória coletiva que o local deveria preservar. A musealização vai além da valorização de objetos, sendo um processo que precisa de continuidade e sustentação (Brulon Soares, 2017a e 2017b).

A falta de continuidade nesse processo de ressignificação de valores, de comunicação entre as gerações e de manutenção física e simbólica do espaço, que inicialmente propiciou o resgate da cultura pomerana, culminou na ruína de um projeto que se apresentava como movimento de valorização da identidade local. O fracasso em manter a musealidade do espaço reflete as dificuldades enfrentadas por instituições culturais de pequeno e grande porte no Brasil, que muitas vezes dependem de iniciativas individuais e voluntárias.

Apesar do aparente interesse da população pavoense na continuidade do museu pomerano, o fato de estar abandonado e sem investimentos pode ser pensado como reflexo de uma tendência nacional da última década: o escasseamento dos recursos públicos destinados às políticas culturais. Basta lembrar aqui dois eventos fatídicos, fartamente noticiados. O primeiro foi o incêndio do Museu da Língua Portuguesa (MLP), criado em

2006 na cidade de São Paulo, e consumido pelo fogo em 2015. Tal qual o Museu Pomerano, o MLP também resistiu menos de dez anos sem o devido investimento na manutenção e revitalização do espaço. Após o incêndio, foram necessários seis anos para que o museu pudesse abrir suas portas novamente ao público. O segundo foi o Museu Nacional (MN), ícone da cultura acadêmica e científica instalado no Rio de Janeiro, que pegou fogo apenas três anos depois, no ano de seu bicentenário (2018) e até hoje tem partes em reconstrução. A avaliação pericial e a justificativa para o ocorrido foram similares às do museu paulista¹¹.

O antropólogo e professor do Museu Nacional, Eduardo Viveiros de Castro, lamentou na ocasião a perda das coleções etnológicas, inclusive de povos originários desaparecidos, bem como uma biblioteca de 200 mil títulos em Antropologia e o fóssil Luzia, a peça de arqueologia mais importante no continente americano. Ele observou que nada se aprende com os sucessivos episódios de destruição e acusou a desvalorização do patrimônio cultural como uma política de “desertificação” da memória social sobre a diversidade. Ele deixa uma provocação ao sugerir que as ruínas deveriam ser deixadas intactas (Viveiros de Castro, 2018).

As ruínas do Museu Pomerano talvez nos ensinem alguma coisa. Os lugares construídos pela memória coletiva continuam nos ajudando a contar as histórias sobre o que foi vivido, criado, transformado, celebrado e negligenciado. É importante salientar o último aspecto, pois ele aparece como problema comum no caso dos três museus¹². O que se está negligenciando é um direito de acesso à educação. Soma-se a ausência de um museu à educação escolar precarizada, do infantil ao superior, e temos uma população que não conhece a história e, conseqüentemente,

¹¹ Uma boa reportagem, que oferece um amplo cenário sobre a depreciação dos museus, pode ser lida em: <https://medium.com/labdejo2018/o-descaso-com-nossos-patrim%C3%B4nios-culturais-54e3a1f1352c>

¹² A falta de interesse na vida dos museus também se abate sobre a academia. Estamos em 2024 e no banco de teses e dissertações da CAPES existe somente um trabalho sobre a reestruturação do Museu Nacional e nenhum sobre o Museu da Língua Portuguesa.

não se reconhece na própria história. O passado, com isso, vai tornando-se um lugar distante. Um lugar de estranhamento para as novas gerações e lugar de conforto na memória dos anciãos. É como se a Pomerânia ficasse um pouco mais longe dos jovens descendentes pomeranos em Vila Pavão.

Um problema crucial que emerge nesse contexto é, justamente, a injustificável desvalorização dos patrimônios culturais e a criação de lacunas ou “desertos” nas memórias sociais. No caso específico do museu pomerano, observa-se uma fratura no processo de reconstrução de significados não somente sobre o passado, mas voltados para o presente e o futuro daquela comunidade. Se até os maiores museus do país sofrem com os desafios do financiamento público e o desinteresse do público, podemos esperar destino melhor para um museu pequeno que abriga a cultura de um povo minoritário e quase esquecido no interior do Espírito Santo?

32

Considerações Finais

Em últimas conversas informais, no mês de agosto de 2023, com pessoas que foram entrevistadas anteriormente, a desesperança e o sentimento de derrota dominavam o caráter do diálogo quando iniciado o assunto sobre o Museu. A situação atual deixa poucas esperanças de que o patrimônio volte a ser como antes. Ainda há aqueles que sonham com sua limpeza, reconstrução e revitalização. Mas são muitos e profundos os ressentimentos.

Uma vez transformada a casa em museu, novos sentimentos foram produzidos, para além das relações familiares com o imóvel. O Museu Pomerano dificilmente será apagado da memória daqueles que passaram por lá, que criaram histórias a partir de sua vivência e aprendizados. A conscientização de uma geração é

um importante legado deixado pelo ativismo do professor Jorge Kuster Jacob. Mesmo que não seja reconstruído, há ainda peças em bom estado de conservação que podem ser expostas em outros ambientes, para que assim a cultura material pomerana não fique desconhecida por seus descendentes e pela população em geral.

É observável, em Vila Pavão, um certo reflexo do cenário nacional: o descaso e a falta de interesse com relação aos patrimônios histórico-culturais. A desconsideração por parte da população de Vila Pavão - sejam políticos, comunidade pomerana, família, e demais - não é uma circunstância única. Ainda que exista um componente local, o caso do museu pomerano se insere em um contexto mais amplo de falta de investimento em educação e cultura, fenômeno espalhado em todo território brasileiro. A partir disso é que se desenvolvem projetos superficiais como o Museu Franz Ramlow. Iniciado com o entusiasmo de um secretário de cultura motivado por um projeto pessoal, teve sua continuidade comprometida pela falta de um planejamento de longo prazo e pelas mudanças nos quadros da prefeitura. Quando o entusiasmo é perdido, o projeto que nunca foi realmente “público”, é colocado de lado, sem prioridade. Ocorre, inclusive, o desperdício de verbas públicas não executadas pela falta de interesse político e/ou capacidades técnicas.

Hoje, o Museu Pomerano Franz Ramlow de Vila Pavão é uma soma do descaso dos diferentes grupos de interesse. Temos aqui distintos coletivos que, no decorrer desses quase 20 anos, pouco ou quase nada fizeram. É curioso pensar como em uma cidade pequena, onde desde o nascimento ouve-se falar sobre “valorização da cultura”, mas mesmo assim existe uma baixa adesão ao tema da preservação da coleção museológica-cultural. Os pomeranos que tanto buscaram sua auto-estima em décadas passadas, sua diferenciação em relação ao rótulo de “alemães genéricos”,

demonstraram-se desorganizados e aceitaram passivamente o desmoronamento de um local de memória viva.

Além disso, constata-se nas entrevistas realizadas certa dificuldade na comunidade pomerana em repassar seus conhecimentos e costumes de forma efetiva a seus descendentes. Peguemos como exemplo o exercício da língua pomerana. Dentre os entrevistados, uma maioria que já têm filhos não passa adiante o que sabe. E aqueles cuja idade é menor, alegam não ter aprendido de seus pais, todos com a mesma justificativa: “é complicado, difícil ensinar/aprender”. A língua pomerana é o maior orgulho de sua comunidade, por séculos ela resistiu em uma Europa conturbada e com a migração para o Brasil, intensificaram-se os preconceitos e recusas. Muitos pomeranos no passado tiveram que abandonar o uso da língua para não serem confundidos com alemães, na década de 1940 e 1950. Atualmente, apesar de haver milhares de falantes da mesma em solo brasileiro, esses números estão decaindo ao passar das gerações.

Trata-se, portanto, de um desafio mais amplo a ser enfrentado pela comunidade pomerana de Vila Pavão. O abandono do museu e a redução do número de falantes do idioma circunscrevem um mesmo problema: a criação de lacunas, desertos, na memória social. Temos aqui então um dilema que já foi o centro das preocupações da ciência antropológica: o “desaparecimento” das tradições, dando lugar a projetos de modernidade que invisibilizam as diferenças e impõem uma certa tendência de homogeneização dos processos socioculturais em escala global.

Referências

ABREU, Regina. Os museus como desafios para a antropologia. In: TAMASO, Izabela; GONÇALVES, Renata de Sá; VASSALLO, Simone. **A antropologia na esfera pública: patrimônios culturais e museus**. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019.

BAHIA, Joana.. **O tiro da bruxa**: identidade, magia e religião entre pomeranos do Estado do Espírito Santo. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2000.

BOSENBECKER, Vanessa Patzloff. A arquitetura produzida pelos descendentes de pomeranos na serra dos Tapes. **Cadernos do LEPAARQ** – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio, v. 13, n. 15/16, p. 153-177, 2011.

BREMENKAMP, Elizana Schaffel. **Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, p. 293, 2017a.

BRULON SOARES, Bruno. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. **Revista Museologia Experimental**, p. 189-200.

BRULON SOARES, Bruno. 2017b. Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbyněk Z. Stránský e a Escola de Brno. **Anais do Museu Paulista**, v. 25, n. 1, p. 403-425, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672017v25n0114>. Acesso em: 9 out. 2024.

FEHLBERG, Jamily; MENANDRO, Paulo Rogério Meira Terra, Família e trabalho entre descendentes de pomeranos no Espírito

Santo. **Revista Barbarói**, ano 06, n. 34, p. 80-100, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n34/n34a06.pdf>.

FOERSTE, Erineu. Povo tradicional Pomerano e interculturalidade: apontamentos para pesquisa. **Anais do XIII Encontro Nacional de História Oral**, 2016. Disponível em: https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1461885973_ARQUIVO_ErineuFoerste-UFES.pdf.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. 2019. Patrimônio, espaço público e cultura subjetiva. In: TAMASO, Izabela; GONÇALVES, Renata de Sá; VASSALLO, Simone. **A antropologia na esfera pública: patrimônios culturais e museus**. Goiânia: Editora Imprensa Universitária.

GRANZOW, Klauz. **Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: colonos alemães no Brasil**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009.

LIMA FILHO, Manuel; ABREU, Regina; ATHIAS, Renato. Os Antropólogos e os museus: uma agenda para o século XXI. In: LIMA FILHO et al. (org.). **Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas**. Recife: Editora UFPE, 7-10, 2016.

LIMA FILHO, Manuel; BELTRÃO, Jane e ECKERT, Cornélia. **Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra e ABA, 2007.

MACHADO, Diego Finder. Um lugar para recordar a imigração no sul do Brasil: debates políticos e intelectuais na criação do Museu Nacional de Imigração e Colonização em Joinville / SC (1949-1957). **Patrimônio e Memória**, v. 15, n.2, p. 99-128, 2019.

MEYRER, Marlise; NEUMANN, Rosane; GEVEHR, Luciano. Ambiências, expografias e seus objetos: a imigração alemã no sul do Brasil a partir das narrativas museológicas. **Revista História: Debates e Tendências** (Online), v. 16, n. 2, p. 408-425, 2016. Disponível em <https://doi.org/10.5335/hdtv.16n.2.6927>.

PEIRANO, Mariza. 2014. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200015>

PEREIRA, Rodrigo. 2014. Pomeranos: a trajetória de um povo (Daí Pomerer, daí gan fon ainem folk) e a construção de um passado mitificado entre descendentes de imigrantes pomeranos no Espírito Santo. **Revista Interseções**, v. 16, n. 2, p. 425-441.

PÖHLMANN, Jan; AGUIAR, Lisiane. Macuxi, Wapixana e Pomerano: políticas linguísticas na implementação da Lei de Co-Oficialização. **Cadernos de Linguística**, v. 1, n. 3, p. 01-14. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/228>.

POLLAK, Michael. 1989. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15, 2020. (tradução de Dora Flaksman). Disponível em https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf

RIAL, Carmen. Prefácio. *In*: LIMA FILHO et ali (org.). **Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas**. Recife: Editora UFPE, pp. 11-14. 2016.

SANTOS JÚNIOR, Roberto Fernandes. 2019. **Por uma museologia da libertação**: impactos do pensamento de Hugues de Varine no campo museal brasileiro. Dissertação (Mestrado em Museologia),

Programa de Pós-Graduação em Museologia, Universidade Federal da Bahia, 2019.

SCHMIDT, Adriele; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. A comida e a sociabilidade na cultura pomerana. **Tessituras**, Pelotas, v. 3, n. 2, p. 195-218, 2015.

SCHNEIDER, Maurício. Identidades em rede: um estudo etnográfico de quilombolas e pomeranos na Serra do Tapes. **Série de Pós-Graduação**, v. 2, Pelotas: Ed. UFPel, 2017.

STRATHERN, Marilyn. Os limites da autoantropologia. *In*: STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, p. 133-158, 2014.

TAMASO, Izabela; LIMA FILHO, Manuel. **Antropologia e Patrimônio Cultural**: trajetórias e conceitos. Brasília: ABA, 2012.

TRESSMANN, Ismael. **Da sala de estar à sala de baile estudo etnolinguístico de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo**. Tese (Doutorado em Letras), Departamento de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2005.

URIARTE, Urpi e MACIEL, Maria Eunice (org.). **Patrimônio, cidades e memória social**. Salvador: edUFBA e ABA, 2016.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In*: VELHO, Gilberto. **Um Antropólogo na Cidade**: ensaios de Antropologia Urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VICTOR, Letícia Suárez.. **Imigração Musealizada**: a formação das coleções dos museus de imigração de São Paulo e de Paris. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação Interunidades

em Museologia, Universidade de São Paulo, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Viveiros de Castro vê o incêndio no Museu Nacional**. Entrevista concedida a Alexandra Prado Coelho, portal de notícias publico.pt. Publicada em 16/09/2018. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/viveiros-de-castro-ve-o-incendio-no-museu-nacional/>.

WOORTMANN, Ellen. A árvore da memória. **Série Antropologia**, v. 159, p. 1-13, 1994.